MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
3 de Abril de 2018

I.

O envenenamento do antigo espião russo Sergei Skripal já levou à ordem de saída de cerca de 300 diplomatas em vários países. Trata-se da maior onda de expulsões diplomáticas da história e Portugal ficou de fora.

Na Polónia discute-se a interrupção voluntária da gravidez. Governo de Varsóvia quer impor mais restrições ao aborto. Neste programa olhamos também para o caso da Irlanda e da Alemanha, onde estão a ser estudadas alterações a esta lei.

E ainda nesta edição: Portugal é um dos países mais envelhecidos e com uma das taxas de natalidade mais baixas da Europa.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa,

O caso do envenenamento do ex-agente russo Sergei Skripal já deu origem à ordem de expulsão de cerca de 300 diplomatas.
Depois de a 14 de Março, o Reino Unido ter anunciado a saída de 23 diplomatas russos, outros países seguiram o exemplo.
A manobra afectou pelo menos 150 membros de representações da Rússia em vários países. Moscovo retaliou, elevando para mais de 300 os representantes afectados pela maior onda de expulsões diplomáticas da história.
Dmitry Peshkov, porta-voz do Kremlin voltou a negar qualquer responsabilidade da Rússia no sucedido.

Dmitry Peshkov, Porta-voz do Kremlin
[A Rússia não promove guerras diplomáticas e o presidente Putin sempre foi e continua a ser a favor do desenvolvimento de relações amigáveis com todos os países, incluindo com os Estados Unidos.]

Portugal foi um dos países que optou por não expulsar funcionários diplomáticos russos. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, chamou o embaixador português em Moscovo para consultas. Decisão que o Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa considerou ser um sinal de aviso.

Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente de Portugal
[Significa que durante um período mais ou menos curto, mais ou menos longo, a presença do mais alto representante diplomático português num país deixa de existir a esse nível e que é uma forma muito clara de sinal ou, se quiser, de aviso, que é uma decisão forte por parte do Estado Português.]

Também o secretário-geral do Partido Comunista Português, Jerónimo de Sousa, disse que o Governo está no caminho certo.

Jerónimo de Sousa, secretário-geral do PCP
[A nossa constituição da República é uma constituição amiga da paz, nesse sentido o Governo que decida cumprir está no caminho certo.]

O envenenamento de Skripal foi atribuído aos serviços secretos de Moscovo. Mas a Rússia diz que este foi um caso fabricado. Recentemente Moscovo deixou dúvidas no ar, questionou o envolvimento francês na investigação e sugeriu que o Reino Unido poderia ter interesse neste atentado.

E connosco ao telefone desde Bruxelas está Victor Ângelo, antigo secretário-geral adjunto das Nações Unidas e consultor internacional, baseado na capital belga.

Victor, muita solidariedade à escala global, não de Portugal. Como é que se pode ler a decisão da não-expulsão de diplomatas russos?
Eu creio que aí nós temos duas dimensões. Por um lado, Portugal quer manter uma relação com a Rússia que seja uma relação relativamente cordial, porque Portugal tem muitos turistas que vêm da Rússia e quer, além disso, desenvolver as suas relações comerciais com a Rússia.
Mas também é uma questão de política interna. É preciso não esquecer que o Governo português depende do apoio na Assembleia da República do Bloco de Esquerda e do PCP. E quer o Bloco de Esquerda, quer o PCP não são favoráveis a este tipo de acções conjuntas que envolvam nomeadamente a NATO e também, em certa medida, a União Europeia e, por isso, apoiou-se na medida tomada pela União Europeia, ou seja, aprovou as medidas tomadas pela União Europeia, mas não tomou nenhuma medida bilateral.
Mais tarde, perante alguma estupefacção de alguns círculos políticos portugueses, o governo português resolveu retirar o embaixador português em Moscovo para consultas. É uma medida clássica, está nos manuais da diplomacia e mostra, sobretudo, que há um certo desacordo político entre os dois países, mas um desacordo político que se limita simplesmente a uma manifestação muito diplomática e muito

pouco hostil. O que seria de facto considerado como um passo mais grave teria sido expulsar alguns dos diplomatas russos, mesmo que fosse apenas um diplomata russo que estivesse baseado em Lisboa e isso o governo português resolveu não fazer.

Quais poderão ser as consequências de estar desalinhado, digamos assim, com as decisões de União Europeia e parceiros da NATO?
Portugal não é o único país que não expulsou diplomatas ou agentes de espionagem russos. Portugal tentou salvar a louça e proteger-se em relação aos seus aliados, quer da NATO, quer da União Europeia, com a retirada do embaixador. Eu penso que aí houve muita pressão vinda, sobretudo, da Presidência da República Portuguesa, no sentido de que era necessário fazer um gesto e esse foi o gesto que foi feito e foi apresentado, digamos assim, como mais uma expressão da solidariedade portuguesa em relação às medidas colectivas tomadas em Bruxelas.

Passadas algumas semanas desde este ataque, que provas tem efectivamente o Reino Unido do envolvimento do Kremlin ou de alguém da Rússia?
Quer a Grã-Bretanha, quer, por exemplo, os países da União Europeia na sua decisão colectiva, disseram claramente que as probabilidades que tivesse sido a Rússia são muito altas. Todos os indícios apontam na direcção da Rússia, embora nestas coisas seja muito difícil chegar exactamente á conclusão indiscutível de que terá sido a Rússia e depois, dentro da Rússia, que terá sido, por exemplo, o Kremlin. Esta é a primeira dimensão. A segunda dimensão: estas questões da espionagem são sempre questões que são mantidas sob o manto do segredo, ou seja, as provas, e certamente haverá indícios muito fortes que nunca serão reveladas publicamente. Nós, os comentadores, nós quem fala destas coisas, mas que não tem acesso à informação por dentro, teremos sempre dúvidas sobre se as provas são de facto contundentes a 100 por cento.

Victor, e António Guterres comentou recentemente que a tensão entre EUA e Rússia faz lembrar a Guerra Fria. Vamos recordar essas declarações:

António Guterres, Secretário-geral da ONU
[*Durante a Guerra Fria tínhamos mecanismos de controlo e de algo para evitar a escala de incidentes, para garantir que a situação não ficava descontrolada. Esses mecanismos já não existem, porque todos pensámos que já não seriam necessários. Eu acredito que está na altura de reactivar estas precauções para garantir o diálogo e evitar a*

escalada da situação. De facto acredito que são necessários estes mecanismos.]

São palavras de António Guterres sobre o conflito diplomático. De que mecanismos é que o secretário-geral da ONU está a falar?
Há mecanismos no quadro da NATO, em que há um conselho chamado Conselho NATO-Rússia. Esse conselho tem que se reunir periodicamente e tem que permitir esclarecer aquilo que há a esclarecer. Por outro lado, há mecanismos no quadro da Organização para a Segurança e a Cooperação Europeia, nomeadamente mecanismos relativos às informações militares e às inspecções mútuas feitas por militares, mas há também, sobretudo que ao nível diplomático, combater a ideia que existe em Moscovo de que o Ocidente está a cercar a Rússia. Também há que combater a ideia muito apresentada pelo Kremlin de que nós somos contra os russos e não há, de facto, russofobia. Mais ainda, nós estamos muito interessados na continuação e no aprofundamento das relações económicas entre a União Europeia e a Rússia e, por isso, é que o projecto da Pipeline, que é conhecido como o "Nord Stream 2" continua a ser implementado. Aliás, na mesma altura em que a Alemanha expulsava quatro diplomatas russos, assinava um novo contrato para uma nova fase desse pipeline com a Rússia.

Entretanto, a Comissão Europeia apresentou o Plano de Acção de Mobilidade Militar que tem como objectivo e como o nome indica melhorar a mobilidade militar na União Europeia e além-fronteiras. Há alguma relação com este momento delicado?
A Europa sente-se certamente ameaçada pela Rússia e precisa ao mesmo tempo de criar condições para ter autonomia em matéria de defesa. A Europa sabe perfeitamente que mais tarde ou mais cedo terá que deixar de poder contar com o apoio incondicional dos Estados Unidos. A ideia da Europa da Defesa é uma ideia que vai sobretudo neste momento apontar no sentido da simplificação alfandegária para permitir aos diferentes equipamentos militares circularem entre os diferentes países europeus. Aliás, a ideia é criar nove corredores militares dentro de toda a Europa, corredores que irão de Leste a Oeste e de Norte a Sul. Esses corredores deverão permitir que meios militares pesados, nomeadamente tanques de guerra e camiões de grande envergadura, possam circular nas estradas e atravessar os rios da Europa. Por isso, esta questão da Europa da Defesa continua a ser uma questão muito importante.

E para fechar a semana que passou, temos ainda o encontro entre União Europeia e a Turquia. O Presidente do Conselho Europeu, Donald

Tusk já disse que não houve quaisquer compromissos entre as duas partes. O que é que ficou para Junho, mês em que está agendada a próxima reunião?
Ficou tudo, foi uma reunião que não obteve qualquer tipo de resultado. Muitas divergências em relação a muitas coisas, em relação nomeadamente à actuação da Turquia no norte da Síria e aos ataques contínuos que a Turquia continua a fazer aos curdos da Síria. Houve também muitas divergências no que diz respeito aos direitos humanos, à liberdade das pessoas, à prisão de jornalistas, à prisão de militares... Eu diria mesmo que neste momento o diálogo entre as duas partes é um diálogo de surdos e é um diálogo sobretudo marcado pelas posições extremamente agressivas do presidente turco Erdogan. Ele na semana passada, além de atacar a União Europeia em geral, resolveu atacar directamente o presidente francês Emmanuel Macron. Emmanuel Macron tinha proposto a mediação da França no conflito entre a Turquia e os curdos da Síria e o presidente turco, quando ouviu essa proposta, explodiu e praticamente insultou publicamente e numa reunião com os mais altos dirigentes da Turquia, e uma reunião que foi transmitida pela televisão, insultou o presidente francês e mostrou muita falta de respeito pela França que é um país fundamental dentro da União Europeia.

III.

Já voltamos à conversa com Victor Ângelo.
Por agora, vamos olhar para a legislação da interrupção voluntária da gravidez, que está em debate na Alemanha, Polónia e Irlanda por motivos diferentes. Mais com a jornalista Lina Ferreira.

A interrupção voluntária da gravidez está em debate na Alemanha, Polónia e Irlanda.... Mas por razões distintas.
Berlim está a estudar a alteração à lei de aborto, que data do tempo do nacional-socialismo. Os médicos podem fazer interrupções da gravidez, mas não podem anunciar que as fazem.
O caso voltou a estar em destaque quando uma médica que informava sobre interrupção voluntária da gravidez foi multada por fazê-lo.
A coligação germânica divide-se: Os sociais-democratas querem alterações; CDU e CSU preferem manter tudo como está.
Já na Irlanda, a legalização do aborto vai ser decidida por um referendo no dia 25 de Maio. A votação sobre a matéria era uma promessa do primeiro-ministro Leo Varadkar, que considera a actual lei demasiado restritiva. Dublin proíbe o aborto, mas há uma excepção: quando se prevê risco de vida para a mãe.

Já a Polónia quer alterar a lei e impedir a interrupção da gravidez, mesmo em casos de malformação fetal, uma das poucas excepções que permite à mulher pôr termo à gestação.
Em Varsóvia, o aborto é praticamente interdito, excepto no caso de haver danos severos para o feto, ameaças para a saúde da mãe ou para quando a gravidez é fruto de violação ou incesto.

A interrupção da gravidez continua a impor sérias dúvidas em alguns países, nomeadamente - e como ouvimos aqui - na Polónia. Porquê? A religião é aqui um factor importante?
A Igreja católica teve um papel importante no passado, quando se tratou de lutar contra o comunismo e contra a falta de liberdades cívicas que existiam durante a época da União Soviética e do Pacto de Varsóvia, e em que a Polónia não sendo um estado da União Soviética era um estado aliado do Pacto de Varsóvia e um país comunista. Mas a verdade é que agora a Igreja Católica já não desempenha o mesmo papel progressista. Antes pelo contrário, é uma igreja profundamente virada para o passado, uma igreja ao estilo daquilo que conhecíamos há 50 ou 60 anos em Portugal e isso tem alguma influência junto de certas camadas da população e também junto da liderança política.

Como deve a UE lidar com esta questão, sendo que estamos claramente no campo dos direitos humanos?
A única via possível para o resto da Europa e para as instituições europeias é continuar a insistir nos direitos humanos, nas liberdades e, sobretudo, na possibilidade das mulheres disporem do seu corpo como muito bem entenderem. A libertação das mulheres foi um passo fundamental para a libertação da população europeia, para a modernização das mentalidades na Europa e nós temos de explicar isso aos dirigentes da Polónia, insistir com eles e, sobretudo, lembrar-lhes que alem de outras questões há a questão da igualdade entre os homens e as mulheres e há a questão dos direitos humanos e esta questão do aborto é vista como um tema central dentro da problemática dos direitos humanos.

IV.

E vamos agora ao outro extremo da Europa.
Portugal é um dos países mais envelhecidos da União Europeia. Em 2016, um em cada cinco portugueses tinha mais de 65 anos, ou seja quase 21 por cento da população.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística português, que analisou o relatório "Península Ibérica em Números 2017", em Espanha o valor era de 18,7%.
Um outro estudo do Gabinete Estatístico da União Europeia (Eurostat), revela que Franca tem a maior taxa de natalidade do bloco dos 28, com 1,92 nascimentos por mulher.
Espanha e Itália contam com as taxas mais baixas, com 1,34 nascimentos, seguindo-se Portugal com 1,36.

Victor, Portugal é um dos países mais envelhecidos da UE e com uma das taxas de natalidade mais baixas. Como explicar este fenómeno que parece concentrar-se nos países do sul da Europa?
Isto tem sobretudo que ver com duas questões. Por um lado, uma quebra acelerada na natalidade em Portugal. Nos últimos 30 anos, a natalidade desceu de uma maneira dramática no nosso país. E a outra grande questão que influencia esta alta proporção de idosos é que muitos dos jovens e das pessoas em idade de trabalhar imigraram, ou seja, saíram de Portugal e foram trabalhar para outros sítios, foram trabalhar para Inglaterra, foram trabalhar para França, para Luxemburgo, para outras partes da Europa e alguns deles foram mesmo para Macau.

Que políticas de fomento à natalidade são necessárias?
Há que fazer crescer a economia, para que haja mais emprego e em relação à natalidade há que criar incentivos para que os pais possam decidir ter não apenas um filho, mas pelo menos dois filhos, e isso significa abonos de família, acesso às creches, significa férias pagas a ambos os pais durante um determinado período depois do nascimento da criança, ou seja, todo um esquema de apoio aos jovens casais, que está neste momento a começar, mas que ainda é insuficiente e que precisa de ser expandido.

IV.

Estivemos com Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.
E na nossa nota cultural, temos os dez anos do Museu do Oriente. Um aniversário que vai ser assinalado com exposições, concertos e outras actividades até 27 de maio.
Índia, Coreia e China são algumas das culturas em destaque durante a celebração do 10.º aniversário do Museu do Oriente e o 30.º da Fundação Oriente.
Hoje ficamos por aqui, até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +
Estamos no Facebook em Magazine Europa.